



Produção de pesquisa histórica relativa a criação de cursos de graduação em enfermagem: uma revisão integrativa

Laís de Miranda Crispim Costa¹

Regina Maria dos Santos²

Maria Cristina Soares Figueiredo Trezza³

Célia Alves Rozendo⁴

Lenira Maria Wanderley Santos de Almeida⁵

RESUMO: Estudo cujos objetivos foram identificar e analisar a produção científica de estudos históricos vinculados a criação de cursos de graduação em enfermagem. Utilizou-se metodologia da revisão integrativa, com busca realizada nas bases de dados SCIELO, LILACS, MEDLINE, COCHRANE e PUBMED. Foram identificados 13 artigos, compondo a amostra do estudo. Os resultados evidenciaram que a maioria das escolas de enfermagem nasceu dentro de escolas de medicina; a inserção da enfermagem moderna no Brasil ocorreu em 1922; entre 1931 e 1949 a Escola de Enfermagem Anna Nery era a escola oficial padrão; havia a presença constante de um jogo de forças entre escolas de enfermagem; apesar da promulgação da Lei 775/49, a EEAN continuou exercendo um poder simbólico sobre outras escolas e a RU/68 impulsiona a criação de mais cursos superiores no país. Concluiu-se que todos esses estudos são importantes para a escrita da História da Enfermagem, estreitando compromissos com a profissão.

DESCRITORES: história da enfermagem, escolas de enfermagem, educação em enfermagem.

¹ Enfermeira Especialista; Professora Auxiliar da ESENFAR/UFAL; Mestranda do Programa de Pós-Graduação em Enfermagem da ESENFAR/UFAL. E-mail: laismcc@gmail.com.

² Enfermeira; Doutora em Enfermagem; Professor Adjunto da ESENFAR/UFAL; Pesquisadora do PROCUIDADO; Líder do Grupo de Estudo GEDIM vinculado ao CNPq e à UFAL. E-mail: relpesantos@gmail.com.

³ Enfermeira; Doutora em Enfermagem; Professor Adjunto da ESENFAR/UFAL; Líder do Grupo de Estudo PROCUIDADO vinculado ao CNPq e à UFAL. E-mail: trezzacris@gmail.com.

⁴ Enfermeira; Doutora em Enfermagem; Professor Adjunto da ESENFAR/UFAL; E-mail: celia.rozendo@gmail.com.

⁵ ⁵ Enfermeira; Mestre em Enfermagem; Professor Associado da ESENFAR/UFAL; Membro do Grupo de Estudo GEDIM vinculado ao CNPq e à UFAL. E-mail: lenirawanderley@gmail.com

Production of a historical research concerning the creation of graduate programs in nursing: an integrative review

ABSTRACT: A study whose objectives are to identify and analyze the scientific production of historical studies which are linked to the creation of graduate programs in nursing. We used the integrative review methodology, where the searches performed were from the databases SciELO, LILACS, MEDLINE, Cochrane Library and PubMed. We also identified 13 articles for composing the study sample. The results showed that: most nursing schools originated from medical schools; the inclusion of modern nursing in Brazil occurred in 1922; between 1931 and 1949, the School of Nursing Anna Nery was the official and standard school; there was a persisting game of power between nursing schools; despite the enactment of Law 775/49, the EEAN continued exerting symbolic power over other schools and RU/68 drives the creation of more higher education courses in the country. It is concluded that all these studies are important for the construction of the history of nursing and to narrow commitments to the profession.

DESCRIPTORS: history of nursing, nursing schools, nursing education.

La producción de la investigación histórica sobre la creación de programas de postgrado en enfermería: una revisión integrativa

RESUMEN: Estudio cuyo objetivo fue identificar y analizar la producción científica de los estudios históricos vinculados a la creación de programas de postgrado en enfermería. Se utilizó la metodología revisión integrativa, con la búsqueda realizada en las bases de datos SciELO, LILACS, MEDLINE, Cochrane Library y PubMed. Se identificaron 13 artículos, que componen la muestra del estudio. Los resultados mostraron que la mayoría de las escuelas de enfermería nacieron dentro de las facultades de medicina, la inclusión de la enfermería moderna en Brasil ocurrió en 1922, entre 1931 y 1949, la Escuela de Enfermería Anna Nery fue el estándar oficial de la escuela, existió una presencia constante de un poder de juego de fuerzas entre las escuelas de enfermería, a pesar de la promulgación de la Ley 775/49, el EEAN siguió ejerciendo poder simbólico a través de otras escuelas y RU/68 impulsó la creación de más cursos de educación superior en el país. Se llegó a la conclusión de que todos estos estudios son importantes para la escritura de la historia de la enfermería, la reducción de los compromisos de la profesión.

DESCRIPTORES: historia de la enfermería, escuelas de enfermería, investigación.

Introdução

A situação que a enfermagem vem vivenciando requer que o enfermeiro adquira, cada vez mais, domínio sobre seu corpo próprio de conhecimento que o faça compreender as situações atuais por que passa esta categoria profissional. Um dos caminhos para este fim é a produção de conhecimentos através de pesquisas sobre sua história. Deste modo, durante o curso de pós-graduação *stricto-senso*, na modalidade mestrado, surgiu a necessidade de escrever este artigo, tendo em vista o projeto de dissertação cujo título é “A configuração da identidade profissional dos egressos da primeira turma do Curso de Graduação em Enfermagem da Universidade Federal de Alagoas – UFAL – 1973/1977: contribuição do corpo docente”⁶.

Ademais, a enfermagem se interessa por estudos da sua história, pois a “construção de uma memória coletiva é o que possibilita a tomada de consciência daquilo que somos realmente, enquanto produto histórico, o desenvolvimento da auto-estima coletiva e a tarefa de (re)construção da identidade profissional”^{1:90}. O estudo da História da Enfermagem é libertador, pois permite compreender o contexto profissional e ter um novo olhar sobre a profissão, quiçá estimulando o sentimento de pertença e o firmar do compromisso de cada profissional com a sua profissão.

Partindo destas considerações, o presente artigo trata de uma revisão integrativa de literatura, uma técnica de pesquisa que reúne e sintetiza o conhecimento produzido, por meio da análise dos resultados evidenciados nos estudos de muitos autores especializados. O objeto desta revisão integrativa é a produção de conhecimento sobre a criação de escolas de graduação em Enfermagem no Brasil.

A revisão integrativa determina o conhecimento atual sobre uma temática específica, já que é conduzida de modo a identificar, analisar e sintetizar resultados de estudos independentes sobre o mesmo assunto, no presente caso, a criação de cursos de graduação em enfermagem em nosso país.

O desenvolvimento da revisão integrativa prevê seis etapas, a saber: seleção de hipóteses ou questões para a revisão; seleção das pesquisas que irão compor a amostra; definição das características das pesquisas; análise dos achados; interpretação dos resultados e, relato da revisão².

⁶ Dissertação de autoria de Laís de Miranda Crispim Costa, do Programa de Pós-Graduação em Enfermagem da ESENFAR/UFAL, sob orientação da Professora Dra. Regina Maria dos Santos.

Desse modo, o objetivo deste estudo foi identificar e analisar a produção científica de estudos históricos relativos a criação de cursos de graduação em enfermagem no Brasil.

Metodologia

Para guiar a revisão integrativa, formulou-se a seguinte questão norteadora: o que se tem escrito em pesquisas históricas sobre a criação de cursos de graduação em enfermagem? Para a busca dos artigos os descritores utilizados foram: ‘escolas de enfermagem’, ‘docentes de enfermagem’, ‘corpo docente’ e ‘história da enfermagem’. A busca foi feita nos seguintes bancos de dados: MEDLINE (Literatura Internacional em Ciências da Saúde/Medical Literature Analysis and Retrieval System Online), LILACS (Literatura Latino-Americana e do Caribe em Ciências da Saúde), SCIELO (ScientificElectronic Library Online), PUBMED (U.S. National Library of Medicine), COCHRANE.

Inicialmente foi feito a leitura de todos os títulos, seguida da leitura de todos os resumos para atender aos critérios de inclusão estabelecidos, quais sejam: estarem de acordo com a questão norteadora, sob a forma de artigo completo em periódicos, disponíveis por acesso online e serem escritos em português, inglês e espanhol, no período de 1993 a 2011. Este recorte se justifica porque permitiu abarcar todos os artigos encontrados que atenderam aos critérios de inclusão, independente do ano de publicação. O primeiro artigo encontrado data do ano de 1993 e os dois últimos do ano de 2009, sendo que a busca se deu até 2011, ano de realização desta revisão. A busca inicial realizada resultou em 237 publicações, sendo que várias publicações se repetiam em mais de um banco de dados.

Com base nos critérios de inclusão, 13 artigos atenderam aos requisitos, constituindo-se na amostra de estudo. O quadro 1 apresenta esses artigos, bem como o ano de publicação e seus autores:

Quadro1: Apresentação dos artigos segundo ano, título e autores, Maceió, 2011.

ANO	TÍTULO	AUTORES
1993	Escola de Enfermagem de Ribeirão Preto da Universidade de São Paulo: Quatro décadas.	MENDES IAC.
2001	A gênese e o desenvolvimento histórico do ensino de enfermagem no Brasil.	GALLEGUILLOS TGB, OLIVEIRA MAC
2003	Escola de Enfermagem da Universidade Federal de Minas Gerais: setenta anos de existência.	SANTOS GF, CALDEIRA VP, NASCIMENTO ES
2004	Criação e implantação da escola de enfermagem Hermantina Beraldo, Gestão Celina Viegas.	ARAÚJO MA, NASCIMENTO, ES, CALDEIRAVP
2006	Circunstâncias Histórico-Sociais de criação da primeira escola de	ANTUNES APS, SANNA MC

	enfermagem no Vale do Paraíba – “Dom Epaminondas”.	
2006	As circunstâncias do processo de reconfiguração da escola profissional de assistência a psicopatas do Distrito Federal.	AMORIM WM, BARREIRA IA
2007	O jogo de forças na reorganização da escola Profissional de Enfermeiros e Enfermeiras.	AMORIM WM, BARREIRA IA
2007	O movimento de expansão dos cursos superiores de enfermagem na região norte do Brasil.	SILVA, B. R.; BAPTISTA, S. S.
2008	A escola de Enfermagem da Universidade de São Paulo e a reconfiguração da identidade profissional da Enfermagem Brasileira.	CAMPOS, P. F. S.; OGUISSO, T.
2008	Perfil de uma escola de enfermagem do Sul do Brasil no período das fundadoras.	FERTIG, A.; XAVIER, I. H. F.; SOUZA, L. M.
2008	Criação e consolidação do Curso de Enfermagem na Universidade de Brasília: uma história de tutela (1975-1986).	CARDOSO, F. A.; DYTZ, J. L. G.
2009	Curso de Enfermagem da Universidade Federal de Juiz de Fora: 1977 – 1979.	FIGUEIREDO, M. A. G.; BAPTISTA, S. S.
2009	A Escola de Enfermagem do Hospital São Paulo e seu primeiro currículo (1939-1942).	SILVA, M. R. G.; GALLIAN, D. M. C.

Para a coleta de dados foi elaborado um instrumento, contemplando as seguintes variáveis: identificação do pesquisador, ano de publicação, volume, número, páginas, descritores, objetivos do estudo, resultados e conclusões. Para a análise e posterior síntese dos artigos utilizou-se um quadro com os seguintes aspectos: ano, autores, título, periódico de publicação, objetivos e conclusões.

Tivemos estudos do ano de 1993 até o ano de 2009, totalizando 17 anos. Para tanto, as informações foram divididas em intervalo de três anos, a partir de 2001 até 2009, pois tivemos apenas 1 estudo no período anterior a este, realizado no ano de 1993 e nenhum estudo do ano de 2010 até junho de 2011, mês em que foi realizada a busca. A apresentação dos dados e discussão dos resultados obtidos foram feitos de forma descritiva com o apoio de tabelas.

Apresentação e discussão dos resultados

Apresentaremos um panorama geral desses estudos que se referem a gênese e ao desenvolvimento histórico do ensino de graduação em enfermagem no Brasil, todos de autoria de enfermeiros. As escolas encontradas nos trabalhos avaliados foram organizadas em ordem cronológica, a saber: Escola Profissional de Enfermeiros e Enfermeiras do Hospital de Alienados do Rio de Janeiro (criada em 1890, atual Escola de Enfermagem Alfredo Pinto); Escola de Enfermagem do Departamento Nacional de Saúde Pública-DNSP (criada em 1922, com o início de seu funcionamento em 1923, atual Escola de Enfermagem Anna Nery da Universidade Federal do Rio de Janeiro - UFRJ); Escola de Enfermagem da Universidade Federal de Minas Gerais (criada em

1933); Escola de Enfermagem do Hospital São Paulo (criada em 1939); Escola de Enfermagem da Universidade de São Paulo (fundada em 1942); Escola de Enfermagem do Pará (1944); Escola de Enfermagem Hermantina Beraldo – EEHB (criada em 1946); Escola de Enfermagem de Manaus (criada em 1951); Escola de Enfermagem de Ribeirão Preto da Universidade de São Paulo (criada em 1953); Escola de Enfermagem Dom Epaminondas (criada em 1956); Curso de Enfermagem da Universidade de Brasília (criada em 1975); Curso de Enfermagem da Universidade Federal de Juiz de Fora (criada em 1977, utilizando o quadro social – professores, alunas e funcionários – da EEHB, extinta em 1978).

Uma vez conhecidas as escolas de enfermagem abordadas nos artigos estudados, é possível iniciar a análise dos dados encontrados. Em relação ao quantitativo de estudos incluídos, em conformidade com os dados da Tabela 1, tem-se:

Tabela 1: Distribuição dos artigos segundo ano de publicação, Maceió, 2011.

Período	Número de trabalhos
< 2001	1
2001 – 2003	2
2004 – 2006	3
2007 – 2009	7
Total	13

De acordo com os dados da Tabela 1, podemos ver que a maioria das produções de pesquisas históricas vinculadas a criação de escolas de graduação de enfermagem foram publicadas no século XXI, onde mais da metade (7) entre os anos de 2007 a 2009. Observa-se o surgimento de estudos sobre as histórias das escolas a partir de 1993 com um aumento significativo depois dos anos 2000. É sugestivo o acúmulo de produção nesta área para justificar o estabelecimento de uma linha de pesquisa em história da enfermagem no Brasil.

Analisando-se o veículo de publicação desses trabalhos, a Tabela 2 traz as seguintes informações:

Tabela 2: Distribuição dos artigos segundo periódico de publicação, Maceió, 2011.

Periódico	Número de trabalhos
Rev. Latino Americana de Enfermagem	1
Rev. da Escola de Enfermagem da USP	1
Revista Mineira de Enfermagem – REME	2
Rev. de Enfermagem da Escola Anna Nery	2
Revista Brasileira de Enfermagem – REBEn	4
Rev. de Enfermagem da UERJ	1
Revista Gaúcha de Enfermagem	1

Todos os 13 estudos são artigos publicados em periódicos indexados. Conforme revelam os dados da Tabela 2, a Revista Latino Americana de Enfermagem, a Revista da Escola de Enfermagem da USP, a Revista de Enfermagem da UERJ e a Revista Gaúcha de Enfermagem, têm 1 trabalho publicado em cada uma. Isso se explica, por serem periódicos das respectivas escolas, veículo naturalmente preferido para a publicação de resultados de pesquisas vinculadas a sua própria história. Nessa lógica, a Revista Mineira de Enfermagem e a Revista de Enfermagem da Escola Anna Nery têm 2 artigos publicados cada uma.

Observou-se que a Revista de Enfermagem da Escola Anna Nery foi a única que publicou um artigo sobre a história de outra escola. Este resultado parece ter ligação com o funcionamento nesta Instituição do Núcleo de Pesquisa em História da Enfermagem Brasileira (Nuphebras), cuja principal finalidade é promover o desenvolvimento da pesquisa em História da Enfermagem no Brasil, congregando pesquisadores da EEAN e de outras instituições.

Outro dado relevante é o da Revista Brasileira de Enfermagem – REBEn, responsável pela publicação de 4 artigos desta revisão, cuja missão é divulgar a produção científica, de diferentes áreas do saber, que seja do interesse da Enfermagem, incluindo a que expresse o projeto político da Associação Brasileira de Enfermagem – ABEn. É importante considerar que a REBEn é uma revista independente, não vinculada a nenhum programa de pós-graduação e recebe produções sem nenhuma restrição, desde que respeitem as suas normas. De acordo com esta revisão, percebe-se que a REBEn representa o principal veículo de informação das pesquisas históricas vinculadas a criação de escolas de graduação no Brasil.

Em relação à região de origem da escola estudada, a Tabela 3 revela que houve variedade de situações, com escolas fundadas em instituições públicas e privadas, com concentração na região sudeste:

Tabela 3: Distribuição dos artigos segundo a localização das escolas estudadas, Maceió, 2011.

Estado ou região de Origem do estudo	Número de trabalhos
São Paulo	4
Rio de Janeiro	3
Minas Gerais	3
Rio Grande do Sul	1
Distrito Federal	1
Região Norte	1

Dos trabalhos avaliados, doze se reportam a instituições públicas de ensino, algumas estudadas em vários artigos, 1 trata da criação de uma escola (Escola de Enfermagem Hermantina Beraldo) sem fins lucrativos, vinculada a uma instituição de caridade, a qual foi extinta após 32 anos de existência e seu quadro social (professores, alunos e funcionários) foi aproveitado pelo Curso de Enfermagem da Universidade Federal de Juiz de Fora.

Apenas 1 artigo se reporta a cursos de instituições privadas, no entanto não menciona o nome de nenhuma, visto que se trata de um estudo quantitativo, cujos objetivos são levantar o número de cursos superiores de enfermagem criados na Região Norte do Brasil, comparando o número de cursos vinculados a instituições públicas e privadas nessa Região e, discutir as influências do contexto histórico-social no movimento de expansão e diversificação desses cursos.

Quanto a região ou estado de origem das escolas apresentadas nos artigos, podemos ver, de acordo com as informações da Tabela 3, que 4 são do Estado de São Paulo; 3 são do Rio de Janeiro; 3 são de Minas Gerais; 1 do Rio Grande do sul; 1 do Distrito Federal e 1 se refere à Região Norte do país. Evidenciamos, assim, a concentração deste tipo de pesquisa nos Estados do Rio de Janeiro, São Paulo e Minas Gerais, referendando a sutil disputa entre esses estados no campo da produção de conhecimento em Enfermagem.

Em relação ao objetivo desta revisão, ou seja, as contribuições destas pesquisas históricas relativas a criação de escolas de graduação em enfermagem, observamos nos artigos que compõem a amostra que este tipo de pesquisa se propõe a fazer uma análise de conjuntura, no

sentido de estabelecer nexos importantes entre o desenvolvimento da história do Brasil e a enfermagem.

Nesse sentido, tomando como marco inicial o ano de 1890, ano de criação da primeira escola de enfermagem no Brasil, e como marco final o ano de 1977, ano de criação do Curso de Enfermagem da Universidade Federal de Juiz de Fora, período de criação da última escola presente nesta revisão, é possível fazer uma análise desta longa fase, sobretudo no que se refere a criação e consolidação de cursos de graduação em enfermagem. A maioria dos estudos mostrou que as escolas de enfermagem nascem dentro de escolas de medicina e que portanto suas histórias estão intrinsecamente relacionadas.

Apesar da Escola de Enfermagem Anna Nery ser considerada a primeira escola de enfermagem no Brasil no Sistema Nightingaleano, o ensino de Enfermagem iniciou-se oficialmente em 1890, com a promulgação do Decreto n.791 e criação no mesmo ano da Escola Profissional de Enfermeiros e Enfermeiras – EPEE no Hospício Nacional de Alienados (hoje denominada Escola Alfredo Pinto), dirigida por médicos, que tinha como objetivo preparar enfermeiros e enfermeiras para trabalhar nos hospícios e hospitais civis e militares, nos moldes da escola de Salpetrière (França)^{3,4}.

Na verdade, poucos dados se referem a última década do século XIX e as duas primeiras décadas do século XX, muito provavelmente, pelas dificuldades em encontrar fontes históricas desta época. Apenas um artigo traz aspectos relevantes desta fase para o ensino da enfermagem, enfatizando que no Brasil o campo da psiquiatria no alvorecer da Primeira República vem se consolidando, sobretudo por causa da ruptura da aliança entre a corporação médica alienista e a Igreja Católica, resultando na expulsão das irmãs de caridade dos hospícios⁴. No âmbito desta disputa é que se cria a EPEE, razão inclusive de seu nome.

Nas primeiras décadas do século XX, duas vertentes de ensino de enfermagem se mantêm no país, pois “passaram a coexistir, na capital federal, duas visões concorrentes de escola de enfermagem. Tais visões refletiam a luta de agentes médicos que atuavam em campos específicos (saúde pública e psiquiatria), que ocupavam posições diferentes no aparelho de Estado e que, apesar de serem portadores de alguns interesses antagônicos, tinham como interesse comum o exercício do poder simbólico sobre os agentes de enfermagem”⁴. A outra vertente pugnava por uma enfermagem independente, defendendo um modelo consonante com as proposições de Florence Nightingale, aperfeiçoadas nos Estados Unidos.

Se a primeira vertente se concretiza com a fundação da EPEE, esta segunda coincide com a inserção da enfermagem moderna no Brasil em 1922, também na cidade do Rio de Janeiro, capital

federal do país na época, mediante a organização do Serviço de Enfermeiras do Departamento Nacional de Saúde Pública (DNSP), dirigido por Carlos Chagas. Neste Departamento, uma missão de enfermeiras americanas, patrocinadas pela Fundação Rockefeller, organizou uma escola de enfermagem, chamada Escola de Enfermeiras do DNSP, a qual passou a ser denominada Escola de Enfermeiras Dona Anna Nery – EEAN em 1926, e posteriormente passou a se chamar Escola de Enfermagem Anna Nery – EEAN vinculada a Universidade Federal do Rio de Janeiro^{3,4,5,6,7}.

Vale ressaltar que este grupo de enfermeiras permaneceu no Brasil durante uma década (1921-1931), deixando como legado a institucionalização de um sólido ensino de enfermagem, instrumentos legais que norteavam o ensino e o exercício profissional, bem como rituais e emblemas que institucionalizavam simbolicamente um modelo de enfermeira para a sociedade brasileira⁴. Em acréscimo, nesta fase da Escola foi criada a primeira associação de enfermeiras do país, hoje Associação Brasileira de Enfermagem – ABEn e foi criada a primeira revista, a REBEn em 1932.

Na década de 1930, o então Ministério da Educação e Saúde Pública, se reorganiza passando a chamar-se de Ministério da Educação e Saúde – MES, permanecendo no cargo o Ministro Gustavo Capanema. Essa nova organização do MES confere aos sanitaristas mais poder e status no campo da saúde brasileira. No que se refere à enfermagem, a EEAN e a EPEE ficaram inseridas de modo distinto na estrutura do MES: a primeira, na mais prestigiada área de ensino, e a segunda, na área de saúde desse ministério, sob o comando dos psiquiatras^{7,8}. Isso foi reflexo das lutas internas da saúde no Estado Novo que consubstanciaram o corporativismo, fazendo com que a EPEE precisasse lutar por melhores posições, pois a presença de enfermeiras diplomadas no país com alto padrão de conhecimento científico ameaçava o poder hegemônico da classe médica.

Nesse contexto, através do decreto 20.109/1931, o governo regulamenta o exercício da enfermagem e estabelece a EEAN como “escola padrão” a partir de 1931, o que durou por 18 anos. Portanto, todos os artigos que tratam das escolas criadas no período anterior a 1949, levam em consideração a necessidade de equiparação à escola dada como padrão.

Dessa forma, entre 1931 e 1949, coube à Escola de Enfermagem Anna Nery, na qualidade de escola oficial padrão, o poder de enunciar um modelo de enfermeira para a sociedade brasileira, mediante o discurso autorizado e legitimado pelo então aparelho de Estado do governo Vargas, o que levou as enfermeiras diplomadas a conquistar prestígio no campo da educação em enfermagem, com reconhecimento de seu capital cultural e social, assegurando posições de poder, incomodando a categoria médica^{3,4,5,6,7,8}. Naquela época, tornar-se equiparada significava ser reconhecida nacionalmente como Escola de Enfermagem.

Tomando como referência a EEAN, a Escola de Enfermagem Carlos Chagas – EECC, de Minas Gerais, foi a segunda escola criada no Brasil nos moldes do ensino nightingaliano, cujas atividades foram iniciadas em agosto de 1933, sob a direção de uma personalidade importante para a história da enfermagem brasileira, senhora Enf^a Laís Netto dos Reys, que conseguiu, depois de um processo que durou cinco anos percorrendo os trâmites legais, a equiparação da EECC⁵.

Estas circunstâncias determinaram a necessidade de reorganização da EPEE, inclusive para manter sua visibilidade em âmbito nacional. Este processo envolveu um jogo de forças entre psiquiatras, sanitaristas e enfermeiras diplomadas, onde as duas primeiras categorias emitiam propostas e as enfermeiras resistiam, apoiadas na fortaleza da EEAN. Este último grupo “resistia à idéia de formar agentes de enfermagem com capital cultural inexpressivo e permitir aos agentes médicos, o controle de sua formação”^{8:59}.

Com a necessidade de expansão do número de escolas de enfermagem no país, urgia a necessidade de inaugurar uma escola de enfermagem em São Paulo, estado da região sudeste, que contava com grande investimento social, econômico e sanitário, além de possuir o maior e mais moderno hospital do Brasil. Assim, ainda na década de 1940, é fundada a Escola de Enfermagem da Faculdade de Medicina da USP, evidenciando mais um curso que surge dentro de uma escola de medicina^{4,9}.

A história desta escola nos remete a figura ilustre de Edith de Magalhães Fraenkel, personagem importante da Enfermagem nacional, que foi convidada durante o período em que estava estudando nos Estados Unidos planejamento, organização e direção na área de enfermagem, retornando ao Brasil em agosto de 1941, sendo comissionada à Universidade de São Paulo em novembro do mesmo ano pelo Governo Federal. No final do ano seguinte, foi nomeada pelo Governo de São Paulo diretora da Escola de Enfermagem da Universidade de São Paulo, criada através do Decreto Estadual n. 13.040 de 31 de outubro de 1942⁴.

De acordo com um dos artigos analisados, a Escola de Enfermagem da Faculdade de Medicina da USP propicia a reconfiguração da identidade profissional da enfermagem brasileira, ao permitir o ingresso de mulheres negras e homens no curso, contrariando o padrão Anna Nery e as representações da identidade de enfermeira da época, que devia ser boa moça, filha da elite branca, ressaltando os cuidados de enfermagem como ato de caridade e benevolência⁹.

Esta situação fica bem nítida em um dos artigos que trata da EEAN, quando diz que “moças de boa formação e família eram as candidatas adequadas a uma profissão jovem, com a pretensão de conquistar e ocupar lugares de destaque na sociedade. Quando a enfermagem moderna foi implantada, portanto, a figura masculina foi excluída desse movimento, pois rapazes de boa

formação e família eram herdeiros das profissões hegemônicas, que já haviam conquistado espaços privilegiados no mundo social. A presença do enfermeiro, até mesmo em uma modalidade assistencial como a psiquiatria, na qual os agentes de enfermagem do sexo masculino ocupavam espaço importante, não era bem vista pelo grupo das enfermeiras diplomadas, provavelmente receosas de que tal aproximação pudesse prejudicá-las na hierarquia do campo”^{7:201}.

Evidencia-se um jogo de forças, que a partir de então começa a existir entre a “Escola Padrão” – EEAN e a recém criada Escola de Enfermagem da USP, que contou com o apoio da Fundação Rockefeller e com uma equipe de docentes enfermeiras altamente qualificadas, uma vez que realizaram estudos de pós-graduação no Canadá. Surge um forte modelo de ensino, com uma nova proposta e a emergência de novas lideranças na enfermagem, que se disseminará no país, começando pela Bahia e pela região Sul⁴.

Em decorrência da falta de assistência a uma população pouco sadia e as dificuldades decorrentes da deficiência do número de enfermeiros no país, em 1944 é criada a primeira escola de enfermagem da Região Norte do país, a Escola de Enfermagem do Pará¹⁰. Os artigos encontrados não referiram outras escolas criadas no país na segunda metade da década de 40, embora elas tenham sido criadas. Esta situação demonstra que ainda há muito o que se publicar sobre a história da Enfermagem no Brasil.

Com a promulgação da Lei 775/49, a EEAN perde a prerrogativa de validar o ensino da enfermagem no Brasil. De 1949 em diante as escolas de enfermagem passam a ser regulamentadas por essa lei, que estabelece as condições mínimas para o processo de formação. Sem levar em consideração a situação da EEAN, cujo capital social e simbólico fica ameaçado, este processo demonstra um avanço para a enfermagem brasileira, pois a avaliação das escolas passa a ser realizada pelo Ministério da Educação e Saúde, com reconhecimento pelo Presidente da República^{3,4,5,6,7,11}.

O único artigo que aborda a criação de uma escola no Sul do Brasil, se refere a Escola de Enfermagem da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), fundada em 1950, ou seja, logo depois que a EEAN deixa de ser considerada a escola padrão, sendo a primeira escola do Estado, referência na formação de enfermeiros até os dias atuais. Ainda assim, o estudo deixa claro que o curso preconizava o padrão de ensino nightingaliano e, conseqüentemente, o da EEAN, pois “o processo de formação profissional da escola obedecia aos critérios da época, reproduzindo modelos, que estavam inculcados ideologicamente e que serviam para legitimar o discurso da busca de elevação moral da enfermagem. Buscava-se um padrão digno para a enfermagem,

fazendo das alunas enfermeiras capacitadas e respeitáveis”^{11:103}. Fica claro como a EEAN, mesmo após a promulgação da lei 775/49, ainda exercia um poder simbólico sobre as outras escolas.

A Escola de Enfermagem Dom Epaminondas, criada em 1956 no Vale do Paraíba, também exemplifica esta situação quando enfatiza que as suas fases de ensino eram calcadas no modelo da Escola Anna Nery. Apesar desta escola não ter sido criada dentro ou anexo a uma faculdade de medicina, seu corpo docente era composto, em maior número, por médicos fisiologistas, visto que sua criação se deu para atender as necessidades de qualificação de pessoal de enfermagem para fazer frente as mudanças na terapêutica da tuberculose, conforme o modelo anglo-americano de formação¹².

Outra escola criada na década de 1950, também inserida em uma Faculdade de Medicina, foi a Escola de Enfermagem de Ribeirão Preto da Universidade de São Paulo, organizada pela Profª Drª Gleite de Alcântara, proveniente da Escola de Enfermagem da USP – São Paulo, que de certa forma re-configurou a identidade dos cursos de enfermagem, quando criou uma escola sem internato obrigatório, até então condição indispensável nas instituições de formação de enfermeiros. Apesar da escola manter o internato para os alunos que residiam fora de Ribeirão Preto, foi a primeira no país a aceitar alunos externos¹³.

Vale ressaltar que as décadas de 1950 e 1960 foram marcadas por mudanças econômicas e políticas, visando a adoção de medidas desenvolvimentistas, sobretudo na Região Norte do Brasil. Isto porque Getúlio Vargas, que havia vencido as eleições em 1950, com a intenção de promover o desenvolvimento da Região Amazônica, instituiu, em 1953, a Superintendência do Plano de Valorização Econômica da Amazônia (SPVEA), criando incentivos fiscais e financeiros para atrair investidores privados, nacionais e internacionais. Ainda assim, na década de 1950, apenas a Escola de Enfermagem de Manaus foi criada nesta região, no ano de 1951¹⁰.

Na década de 1960 muitas mudanças aconteceram no Brasil em decorrência do golpe militar de 64. Para esta revisão cabe enfatizar a Lei da Reforma Universitária de 1968. Sobre esta reforma tem-se que “após a Reforma Universitária de 1968, a Lei n.5.540/68 fixou as normas de organização e funcionamento do ensino superior e sua articulação com o ensino médio. Tal Reforma resultou de um processo iniciado no final da década de 40 com o intuito de modernizar e democratizar o ensino superior do país. Assimilou a experiência do Estado e as demandas estudantis, porém a implantação de um Estado de Segurança Nacional de cunho ditatorial buscou inviabilizar um projeto de universidade crítica e democrática”^{3:83}.

Em conseqüência à RU/68, há um forte investimento para criação de cursos superiores, assim como federalização de escolas e faculdades isoladas, o que não é diferente na área da

saúde, especialmente na área de enfermagem, tanto que o Departamento de Assuntos Universitários – DAU, pertencente ao MEC, envida esforços para criação de cursos de enfermagem em universidades federais que ainda não possuíssem^{13, 14, 15}.

Sobre este assunto, convém enfatizar que existia no MEC uma proposta de implantação de novos cursos nas universidades federais. Além desse propósito, havia também o reconhecimento de que era necessário rever as normas de formação deste profissional. Enquanto o MEC designou uma comissão de médicos para estudar estas questões, dentro do DAU, uma comissão composta por três enfermeiras não só analisaram a situação da formação de enfermeiras em relação à quantidade e distribuição no país, como propôs alterações significativas no currículo desses cursos. Esta comissão ficou conhecida como Comissão das Três Marias: Maria Rosa Souza Pinheiro, Maria Nilda de Andrade e Maria Dolores Lins de Andrade. Esse trabalho sugeriu a expansão dos cursos de Enfermagem no país e mudanças de conteúdos na formação que não foram aceitas pelo MEC¹⁴.

Já na vigência da Lei 5.540/68, mais duas escolas são criadas no país, impulsionando a expansão do ensino de enfermagem, nos artigos encontrados no recorte temporal determinado: o Curso de Enfermagem da Universidade de Brasília – UnB, criado em 1975, e o Curso de Enfermagem da Universidade Federal de Juiz de Fora, criado em 1977^{14, 15}.

Em relação ao Curso de Enfermagem da UnB, os resultados deste artigo mostraram que curso foi criado com mais de treze anos de atraso, em relação ao previsto no Plano Diretor da Universidade e a sua criação, em 1975, não foi sinônimo de autonomia, porque permaneceu por mais 11 anos sob a tutela administrativa do Curso de Medicina, ou seja, sem autonomia para gerir o próprio rumo. Ainda assim, a garra das primeiras enfermeiras docentes foi decisiva para conquista de um espaço próprio, de maior visibilidade do curso, bem como maior poder decisório¹⁴.

Considerações finais

Pela caracterização das publicações analisadas, consideramos que os artigos científicos dos enfermeiros brasileiros que tratam de estudos sobre a gênese e o desenvolvimento histórico do ensino de graduação em enfermagem, embora tenham crescido numericamente nos anos de 2007 e 2009, ainda carecem de publicação. Em relação ao veículo de publicação, esta revisão evidenciou que a REBEn representa o principal periódico de divulgação das pesquisas históricas vinculadas a criação de escolas de graduação no Brasil.

Diante de todo o exposto alguns pontos fortes da análise dos artigos podem ser mencionados: estas pesquisas históricas se propuseram a fazer uma análise de conjuntura, no sentido de estabelecer nexos importantes entre o desenvolvimento da história do Brasil e a enfermagem, o que pode subsidiar a realização de outros estudos; a maioria dos estudos mostrou que as escolas de enfermagem nascem dentro de escolas de medicina e que portanto suas histórias estão intrinsecamente relacionadas.

Os artigos estudados nos mostraram que: a inserção da enfermagem moderna no Brasil ocorre em 1922, na cidade do Rio de Janeiro, mediante a organização do Serviço de Enfermeiras do Departamento Nacional de Saúde Pública (DNSP) e a criação da Escola de Enfermagem daquele Departamento; entre 1931 e 1949, coube à Escola de Enfermagem Anna Nery, na qualidade de escola oficial padrão, o poder de enunciar um modelo de enfermeira para a sociedade brasileira, incomodando a categoria médica; a presença constante de um jogo de forças entre escolas de enfermagem; apesar da promulgação da Lei 775/49, a EEAN continua, por um bom tempo, exercendo um poder simbólico sobre as outras escolas; e, a Reforma Universitária de 1968 impulsiona a criação de mais cursos superiores no país, especialmente na área de enfermagem.

Todas essas questões são importantes para a escrita da história da enfermagem, estimulando ainda mais um compromisso constante com nossa profissão. Ainda assim, sugere-se que os pesquisadores da área de história da enfermagem reforcem a necessidade de pesquisar sobre suas escolas de origem.

Referências

1. Barreira IA. Memória e história para uma nova visão da enfermagem no Brasil. Rev Latino-Am. Enfermagem. [Online]. 1999 julho; 7(3) 87-93. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/rlae/v7n3/13480.pdf>
2. Souza MT, Silva MD, Carvalho R. Revisão integrativa: o que é e como fazer. Einstein. [Online]. 2010; 8(1Pt1) 102-6. Disponível em: http://www.astresmetodologias.com/material/O_que_e_RIL.pdf
3. Galleguillos TGB, Oliveira MAC. A gênese e o desenvolvimento histórico do ensino de enfermagem no Brasil. Rev Esc Enf USP. [Online]. 2001 mar; 35(1) 80-7. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/reeusp/v35n1/v35n1a12.pdf>
4. Amorim WM, Barreira IA. As circunstâncias do processo de reconfiguração da escola profissional de assistência a psicopatas do Distrito Federal. Esc. Anna Nery Rev. Enfermagem. [Online]. 2006 ago; 10(2) 195-203. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/ean/v10n2/a05v10n2.pdf>

5. Santos, GF, Caldeira, VP; Nascimento, ES. Escola de enfermagem da universidade federal de minas gerais: setenta anos de existência. Rev. Mineira de Enfermagem. 2003 jan/jul; 7(1) 21-27. Disponível em: http://www.enf.ufmg.br/site_novo/modules/mastop_publish/files/files_4c0ce60c1ecd9.pdf
6. Araújo MA, Nascimento ES, Caldeira VP. Criação e implantação da escola de enfermagem Hermantina Beraldo – Gestão Celina Viegas. Rev. Mineira de Enfermagem. 2004 jul/set; 8(3) 358-363.
7. Fonte, AS. A Escola de Enfermagem Anna Nery e a nova ordem no campo da educação em Enfermagem [dissertação]. Rio de Janeiro: Universidade Federal do Rio de Janeiro/Escola de Enfermagem Anna Nery; 2009.
8. Amorim WM, Barreira IA. O jogo de forças na reorganização da Escola Profissional de Enfermeiros e Enfermeiras. Revista Brasileira de Enfermagem, Brasília 2007 jan/fev; 60(1): 55-61.
9. Campos PFS, Oguisso T. A Escola de Enfermagem da Universidade de São Paulo e a reconfiguração da identidade profissional da enfermagem Brasileira. Revista Brasileira de Enfermagem. [Online]. 2008 nov/dez; 61(6) 892-8. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/reben/v61n6/a17v61n6.pdf>
10. Silva BR, Baptista SS. O movimento de expansão dos cursos superiores de enfermagem na região norte do Brasil. Revista de Enfermagem da UERJ. 2007 out/dez; 15(4) 515-20.
11. Fertig A, Xavier IHF, Souza LM. Perfil de uma Escola de Enfermagem do Sul do Brasil no período das fundadoras. Revista Gaúcha de Enfermagem. [Online] 2008 mar; 29(1) 98-103. Disponível em: <http://seer.ufrgs.br/RevistaGauchadeEnfermagem/article/view/5287/3006>
12. Antunes APS, Sanna MC. Circunstâncias histórico-sociais de criação da primeira escola de enfermagem no Vale do Paraíba – “Dom Epaminondas”. Esc. Anna Nery Rev. Enfermagem. [Online] 2006 abr; 10(1) 54-63. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/ean/v10n1/v10n1a07.pdf>
13. Mendes IAC. Escola de Enfermagem de Riberão Preto da Universidade de São Paulo: Quatro Décadas. Rev Latino-am. Enfermagem. [Online] 1993 dez; nº especial (1) 17-24. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/rlae/v1nspe/v1nspea04.pdf>
14. Cardoso FA, Dytz JLG. Criação e Consolidação do Curso de Enfermagem na Universidade de Brasília: uma história de tutela (1975-1986). Esc. Anna Nery Rev. Enfermagem. [Online] 2008 jun; 12(2) 251-7. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/ean/v12n2/v12n2a08.pdf>
15. Figueiredo MAGF, Baptista SS. Curso de Enfermagem da Universidade Federal de Juiz de Fora: 1977-1979. Revista Brasileira de Enfermagem. [Online] 2009 jul/ago; 62(4) 5212-7. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/reben/v62n4/03.pdf>

16. Silva MRG, Gallian DMC. A Escola de Enfermagem do Hospital São Paulo e seu primeiro currículo (1939-1942). Revista Brasileira de Enfermagem. [Online] 2009 mar/abr; 62(2) 317-22. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/reben/v62n2/a24v62n2.pdf>